

A bola de cristal

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez uma feiticeira que tinha três filhos, unidos pelo amor de irmãos. Mas a velha não confiava neles e achava que queriam roubar seu poder. Por isso transformou o mais velho numa águia, que teve de morar entre montanhas rochosas e às vezes era vista no céu, subindo e descendo em grandes círculos. O segundo ela transformou numa baleia, que vivia no mar profundo e da qual só se via, de vez em quando, um poderoso jato de água lançado para o alto. Os dois só tinham sua forma humana durante duas horas por dia. O terceiro filho, temendo que ela também o transformasse num animal feroz, num urso ou num lobo, foi embora às escondidas. Ele ouvira dizer que no Castelo do Sol Dourado havia uma princesa enfeitiçada, à espera de ser libertada. Mas todos os que tentassem precisariam arriscar a vida: vinte e três rapazes já tinham morrido de maneira miserável, e só restava mais um; depois dele, ninguém mais poderia vir. Como seu coração não conhecia o medo, decidiu procurar o Castelo do Sol Dourado. Já havia muito tempo que andava de um lado para outro sem conseguir encontrá-lo, quando entrou numa grande floresta e não sabia onde ficava a saída. De repente, viu ao longe dois gigantes, que lhe acenavam. Quando chegou perto deles, disseram:

— Estamos brigando por um chapéu, para decidir a quem ele deve pertencer, e, como temos a mesma força, nenhum consegue vencer o outro. Os homens pequenos são mais espertos do que nós; por isso queremos deixar a decisão com você.

— Como podem brigar por um chapéu velho? — disse o rapaz.

— Você não sabe que poderes ele tem. É um chapéu dos desejos: quem o põe na cabeça pode desejar estar onde quiser, e num instante estará lá.

— Deem-me o chapéu — disse o rapaz. — Vou andar um trecho e, quando chamar vocês, corram uma corrida. Ele pertencerá a quem chegar primeiro até mim.

Ele colocou o chapéu e foi andando, mas pensou na princesa, esqueceu os gigantes e seguiu sempre em frente. Em certo momento, suspirou do fundo do coração e exclamou:

— Ah, se eu estivesse no Castelo do Sol Dourado!

Mal as palavras lhe saíram dos lábios, ele se viu numa alta montanha, diante do portão do castelo.

Entrou e atravessou todos os aposentos, até encontrar a princesa no último. Mas que susto levou ao vê-la! Ela tinha o rosto cinzento como cinza, cheio de rugas, olhos baços e cabelos ruivos.

— Sois a princesa cuja beleza o mundo inteiro celebra? — exclamou.

— Ah — respondeu ela —, esta não é minha verdadeira aparência. Os olhos humanos só podem me ver nesta feiura. Mas, para que saibas como sou, olha neste espelho: ele não se deixa enganar e te mostrará minha imagem como ela é de verdade.

Ela lhe pôs o espelho na mão, e nele o rapaz viu a imagem da donzela mais bela do mundo; viu também as lágrimas que, de tristeza, lhe corriam pelo rosto. Então perguntou:

— Como podes ser libertada? Não temo perigo algum.

Ela disse:

— Quem conseguir a bola de cristal e a apresentar ao feiticeiro quebrará seu poder, e eu voltarei à minha verdadeira forma. Ah — acrescentou —, tantos já caminharam para a morte por causa disso! E tu, tão jovem, me dás pena, se fores te meter nesses grandes perigos.

— Nada pode me deter — disse ele. — Mas dize o que devo fazer.

— Saberás de tudo — disse a princesa. — Quando desceres a montanha onde fica o castelo, encontrarás lá embaixo, junto de uma fonte, um auroque selvagem, com quem terás de lutar. Se conseguires matá-lo, sairá dele uma ave de fogo, que leva no corpo um ovo incandescente, e dentro do ovo, no lugar da gema, está a bola de cristal. A ave só deixa cair o ovo quando é forçada a isso. Mas, se ele cair no chão, pegará fogo e queimará tudo o que estiver perto; o próprio ovo se derreterá, e com ele a bola de cristal, e todo o teu esforço terá sido em vão.

O rapaz desceu até a fonte, onde o auroque bufava e mugia para ele. Depois de uma longa luta, cravou-lhe a espada no corpo, e o animal caiu. No mesmo instante, a ave de fogo saiu dele e quis voar para longe, mas a águia, o irmão do rapaz, que vinha passando entre as nuvens, lançou-se sobre ela, perseguiu-a em direção ao mar e a golpeou com o bico, até que a ave, encurralada, deixou cair o ovo. Mas ele não caiu no mar, e sim numa cabana de pescador à beira da água, que começou logo a soltar fumaça e estava prestes a se incendiar. Então se ergueram no mar ondas altas como casas, que se derramaram sobre a cabana e dominaram o fogo. O outro irmão, a baleia, havia nadado até ali e lançado a água para o alto. Quando o incêndio foi apagado, o rapaz procurou o ovo e felizmente o encontrou: ainda não havia

derretido, mas a casca tinha se esfarelado com o resfriamento repentino causado pela água fria, e ele pôde retirar intacta a bola de cristal.

Quando o rapaz foi ao feiticeiro e lhe apresentou a bola, este disse:

— Meu poder está destruído, e de agora em diante você é o rei do Castelo do Sol Dourado. Com ela também pode devolver a seus irmãos a forma humana.

Então o rapaz correu até a princesa. Quando entrou no quarto, ela estava ali em todo o esplendor de sua beleza, e os dois trocaram suas alianças, cheios de alegria.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-bola-de-cristal>